



# MONTANHEIROS NA ILHA DO DRAGÃO

## DANIEL COSTA

FOTOS:  
ODÍLIA TEIXEIRA  
FERNANDO PEREIRA  
(PARDAL)  
RICARDO SILVEIRA

### A MAGIA DAS FAJÃS

Pelo segundo ano consecutivo a Associação Os Montanheiros organizou uma excursão a outra ilha do arquipélago, com inscrições até um limite máximo de 30 pessoas, lotação máxima da embarcação que é fretada. Tal como em 2017, a iniciativa contou com boa receptividade por parte dos pedestrianistas terceirenses que nos quiseram acompanhar este ano, à vizinha ilha de São Jorge e às suas incontornáveis fajãs, uma ilha que fez parte do antigo distrito de Angra do Heroísmo e desde sempre muito ligada à ilha Terceira. A expedição foi organizada em moldes muito semelhantes aos do ano passado, com partida ao início da tarde de sexta-feira dia 27 de julho, e regresso a meio da tarde de domingo dia 29 de julho.



Foto de grupo no primeiro dia.





## Dia I - Viagem Angra / Calheta

Conforme indicação da organização o grupo concentrou-se pelas 13:30 na Marina de Angra. Poucos minutos depois os 30 participantes compareceram à chamada, prontos a embarcar em mais uma aventura. Refira-se que todos os elementos do grupo tinham sido informados das condições do mar, que não se avizinhavam de feição e, questionado sobre a possibilidade de se cancelar a viagem, com grande determinação optaram por prosseguir conforme agendado.

Às 14:00, hora prevista para a saída, o barco soltou amarras e zarpou da marina da cidade património mundial da humanidade, rumo à Vila da Calheta, em São Jorge. A viagem decorria dentro do previsto, a bom ritmo, embora se percebesse que as águas estavam um pouco *picadas*. Saindo da zona de proteção da ilha, já no canal Terceira/São Jorge, a ondulação aumentou e o mar ficou mais *agreste*, situação que se manteve praticamente até chegarmos ao Topo. O *skipper* teve mesmo que diminuir um pouco a velocidade, a fim de evitar uma maior oscilação da embarcação e para evitar que os respingos da água entrassem demasiado no interior no barco, molhando os passageiros, principalmente pela amura de estibordo de onde soprava o vento. Esta situação, como é óbvio, provocou algum desconforto entre os menos experientes nestas andanças marítimas, mas nada que uns minutos em terra firme não resolvessem, como se veio a constatar.

Da ponta do Topo à Vila da Calheta as condições do mar melhoraram e a viagem *normalizou*. O grupo aproveitou então a oportunidade para



Serafim Brasil o guia



regalar a vista e fotografar as bonitas paisagens da costa sul de São Jorge, com os seus profundos vales onde as ribeiras fazem cascatas para o mar, encostas íngremes e altíssimas repletas de vegetação natural e, claro, as resistentes fajãs.

Chegados ao porto da Calheta desembarcaram os passageiros e respetiva carga. À nossa espera encontravam-se as colegas da direção do Núcleo dos Montanheiros da ilha de São Jorge. Cumprimentos feitos e Boas Vindas dadas, colocou-se toda a carga (sacos, malas, mochilas e demais apetrechos para caminhadas) numa viatura que os transportou até ao Pavilhão Municipal da Calheta (a nossa *Estação Base*) enquanto o grupo percorria o mesmo caminho, a pé, o que foi muito bom para *esticar* as pernas, após o período de pouca atividade no mar. Foi como que um aquecimento para o que nos esperava.

No improvisado *quartel-general*, procedeu-se ao reconhecimento das instalações, que por sinal reuniam excelentes condições, e cada elemento tomou posse da sua cama e do seu cantinho. Conforme recomendação da organização, saímos para comprar mantimentos para o pequeno-almoço e para o almoço do dia seguinte, porque a partida estava prevista para as 8:30 da manhã. Alguns optaram por comprar também alguma coisa para o jantar desse dia, enquanto outros resolveram reconfortar o estômago nos restaurantes locais, com direito a um pequeno passeio pela vila antes de recolherem à caserna para o merecido descanso. No dia seguinte esperava-nos uma jornada mais cansativa.

## Dia II - Trilho dos Bardinhas

Para os trinta caminheiros o dia começou bem cedo com a azáfama dos preparativos que antecederam a saída para o terreno. Todos sem exceção, ainda antes da hora indicada, marcavam ansiosamente presença no ponto de encontro acordado enquanto esperavam o autocarro, que chegou pouco depois. Seguimos até novo ponto de encontro, perto da Igreja do Norte Pequeno, onde se juntaram a nós alguns pedestrianistas de São Jorge. De novo em andamento, deslocámo-nos até ao início do *Trilho dos Bardinhas*. Procedeu-se ao briefing da praxe e iniciou-se a primeira caminhada, sobre a erva verde da ilha castanha. O nosso experimentado guia foi Serafim Brasil, um homem conhecedor, competente e simpático, sempre pronto a transmitir os seus vastos conhecimentos de forma amável, e que rapidamente conquistou todos os participantes.

Serra acima, tínhamos a sul a vista privilegiada sobre a *ilha montanha* e lá em baixo o tranquilo canal, que era um regalo para os olhos e para as objetivas das máquinas fotográficas. Comunidades de vegetação carregadinhas de endémicas ocupam tudo o que a vista alcança. Prosseguindo a marcha, alcançámos as vertentes do lado norte da Ilha e continuámos a progressão



ascendente até ao *Pico das Ovelhas*, nome atribuído em virtude das pedras existentes no local, envolvidas de líquenes brancos, se assemelham a estes simpáticos ovinos, quando observados a uma certa distância. No alto deste *Pico das Ovelhas*, onde a mãe natureza se mostrou generosa, efetuou-se uma paragem obrigatória para apreciar a exuberância do local. Se há lugares de eleição neste planeta, este é sem dúvidas um deles: a sul as Ilhas do Pico e do Faial e, do lado norte, as ilhas Terceira e Graciosa. Lá em baixo, na base da falésia, a magnífica lagoa da *Fajã de Santo Cristo* à direita, e à esquerda a *Fajã dos Cubres*. Em frente os vales ravinosos sucediam-se, bem salientes e definidos. Fez-se uma paragem nesta beleza de local para se tirar a habitual foto de grupo. De novo em marcha, a coluna passou pelo *Brejo do Junco*, uma zona de vegetação mais baixa, rumando à *Ponta da Serra* onde fizemos uma importante pausa para almoço.

Novamente em movimento, fomos descendo por entre pastagens até alcançarmos o *Pico do Alandroal*, que fica no cimo da arriba que desce até à *Fajã dos Cubres*. Também aqui a panorâmica sobre esta fajã era excelente. Atravessamos as *Arregoa*s, local que ficou assim conhecido em virtude das enormes fissuras que surgiram no solo por ação do sismo de 80. Pouco depois, já na freguesia do Norte Pequeno, chegava ao fim esta jornada fantástica, pela interação e boa disposição entre os caminhantes, pela deslumbrante paisagem que nos foi ofereci-





da e pelo estado do tempo que nos brindou com um dia esplêndido, permitindo-nos tirar o máximo partido deste passeio. A terminar, um convite inesperado do nosso guia/anfitrião o Sr. Serafim Brasil para nos deslocarmos à sua residência, o que muito nos honrou. Fomos recebidos amavelmente por ele e pela sua simpática esposa, surgindo mais uma oportunidade de confraternização e de aprendizagem, com a visita ao seu espólio etnográfico, testemunhos da vida rural, de um passado não muito distante.

### Dia III - Trilho Portal / Fragueira / Fajã dos Vimes / Regresso a Angra

Ao terceiro dia, após uma rotina matinal semelhante à do dia anterior, o grupo foi levado em autocarro, até às imediações da ermida do *Portal*, onde se juntaram novamente pedestrianistas do Núcleo dos Montanheiros da ilha de São Jorge, elevando o número de caminhantes para 42, que prontamente se dispuseram a tirar uma nova foto de grupo, para mais tarde recordar. O nosso objetivo do dia era fazer um dos percursos pedestres marcados e sinalizados para a ilha de S. Jorge: o PR9 *Fajã dos Vimes - Fragueira - Portal*. No nosso caso iniciámos o percurso no sentido inverso, com uma descida por um atalho estreito, por entre uma vegetação dominada pelo incenso (*Pittosporum undulatum*). Pouco tempo depois chegámos à *Fajã da Fragueira*, cujo nome poderá estar ligado à rocha escarpada, dos penhascos por onde passamos, a que se dá o nome de *Fraga* ou *Fragueira*. Connosco estava a Odília Teixeira que, no seu livro “*Ao encontro das Fajãs*”, refere o seguinte:



Fajã dos Cubres

*“A Fragueira pertence à freguesia da Ribeira Seca, concelho da Calheta e fica na costa Sul da ilha de São Jorge. Deve a fama ao maestro Francisco Lacerda que se diz ter nascido na que foi a melhor casa deste lugar e agora se encontra em ruínas. O maestro Lacerda, amigo do compositor Debussy, com quem trabalhou em Paris, vinha aqui passar férias para descansar e recuperar forças. Este Jorgense ilustre, conviveu com os mais famosos expoentes da cultura musical do seu tempo, incluindo a cantora de ópera Melba, que foi dirigida por ele, num dos recitais que deu em Paris.*

*A pequena Fragueira, hoje desabitada, continua a ser cultivada por gentes do Portal que de lá tiram milho, batata-doce e da terra, couves e outros produtos hortícolas. Também existem figueiras que dão bons figos. No entanto, o vinho da Fragueira continua a ser o produto mais apreciado desta fajã. Duas Ribeiras descem pela Fragueira, onde existe também um chafariz datado de 29-09-1969. Para além das ruínas da casa da família Lacerda, ainda existem oito casas e sete adegas.”*

Uma vez chegados à Fajã da Fragueira houve muita curiosidade em visitar a casa do maestro Francisco Lacerda, ou o que resta dela. Embora hoje esteja em ruínas, é possível perceber que este refúgio paradisíaco do compositor jorgense, terá certamente contribuído para o seu descanso, mas também como uma imensa fonte de inspiração de tão ilustre açoriano, pois be-





Fajã de S. Cristo.

leza e tranquilidade não faltam a esta pequena fajã. O que falta, em nossa opinião, é uma placa informativa neste local a identificar a casa onde residiu. De novo a caminho, à medida que nos afastávamos olhávamos para trás e deitávamos um último olhar ao pequeno aglomerado de casas desta fajã, surgindo enquadramentos dignos de bonitas fotos.

Já na *Fajã dos Vimes*, passámos por uma rocha alta, de onde se precipita uma altíssima cascata, que em dias de chuva intensa deve ser uma imagem avassaladora. Terminámos a nossa caminhada no *Café do Sr. Nunes*, onde houve oportunidade para todos se refrescarmos, ou com bebidas ou com gelados, e saborear o famoso café produzido nesta fajã pelo Sr. Nunes. Houve ainda uma visita especial à plantação de cafezeiros, graças à amabilidade e disponibilidade deste senhor e da sua filha Dina, bem como uma breve explicação sobre a origem do café nesta fajã e do seu processo de produção. Completou-se o périplo com uma visita ao espaço onde estão guardados alguns teares e onde é possível apreciar colchas tradicionais da fajã confeccionadas nesses mesmos teares. A Dina enriqueceu sobremaneira a visita explicando todo o processo de tecelagem. Sobre esta fajã escreveu também Odília Teixeira:

*“Na costa Sul da ilha de São Jorge, entre a fajã da Fonte Nicolau e a Fagueira, fica a fajã dos Vimes que pertence à freguesia da Ribeira Seca concelho da Calheta. Esta fajã é famosa pelas*

*chamadas “colchas da fajã dos Vimes” que são tecidas por artesãs aqui nascidas e criadas, em teares de pedais.*

*Até há algumas décadas estava estabelecida, na Ermida de S. Sebastião, a Ordem Terceira de N. Sra. do Carmo, cuja festa, a 16 de julho, continua a levar muita gente. Uma outra festa muito concorrida é a que se celebra no dia do Corpo de Deus, quando pessoas de toda a ilha descem à fajã dos Vimes para saborear peixe frito, lapas, inhames e batatas que, regadas com bom vinho, são oferecidos pela população local a todos os visitantes. A Ermida de S. Sebastião foi sede de paróquia, com cura residente que atendia as necessidades dos mais de 500 habitantes desta e doutras fajãs vizinhas. Agora integrada na Paróquia da Ribeira Seca.*

*Os peixes que mais se apanham aqui são cherne, rocaz, congro, bo-*





Ruínas da casa do maestro Lacerda. Ilha do Pico ao fundo.

ca-negra e chicharro. O terramoto de 1757 destruiu por completo esta fajã. Após este evento, ficaram mortas no adro da igreja, 128 pessoas, entre os quais o Vigário e o Cura da localidade. Em consequência disso, o Rei D. José mandou, por carta Régia, que o arrendamento a senhorios da Terceira fosse passado a Censo Perpétuo.

Foi construído um Forte para defesa da costa, cuja ordem de construção data de novembro de 1738, embora já fosse referido num documento de 1707. Não existe nenhum vestígio desta edificação.”

Esta visita marcou o final deste fim-de-semana muitíssimo bem passado na ilha de São Jorge. De volta ao pavilhão do campo de futebol da Câmara Municipal da Calheta chegou novamente o momento de fazer as malas que, tal como na sexta-feira, seriam transportadas até ao cais com a prestimosa colaboração dos Núcleo dos Montanheiros da ilha São Jorge. Após o almoço, já todos se encontravam no cais da Calheta pelas 16:30, altura para as inevitáveis despedidas e embarque. Soltaram-se amarras e lá seguiu a embarcação, com o vento pela popa, navegando rumo a Angra do Heroísmo. Oportunidade para deixar um derradeiro olhar sobre esta lindíssima costa de São Jorge com as suas magníficas e numerosas fajãs.

A paisagem não era só água e o mar não era só nosso. Cruzámo-nos com uma traineira que seguia viagem, com outra junto à ponta do Topo que estava na faina de apanhar isco, e com vários veleiros de velas desfraldadas que participavam numa regata. Com o vento a ajudar, a embarcação parecia deslocar-se na crista da

onda, numa viagem rápida, tranquila e sem incidentes, a não ser a chuva que caiu durante uma parte do percurso. De resto... tudo calmo. Em breve dávamos entrada na histórica baía de Angra do Heroísmo, terminando da melhor forma mais uma iniciativa *fora de portas* da Associação Os Montanheiros. Para o ano haverá mais certamente.

Justos agradecimentos ao Núcleo dos Montanheiros da ilha de São Jorge pelo acompanhamento e logística, à Câmara Municipal da Calheta pela cedência do pavilhão do Campo de Jogos Municipal para alojamento do grupo, ao Sr. Nunes e à sua filha Dina, pelas visitas guiadas que nos proporcionaram à tecelagem e à plantação de café. A todos o nosso reconhecido obrigado porque sem o vosso contributo não teria sido possível alcançar o sucesso obtido. A terminar, um agradecimento a todos os participantes nesta viagem, pela boa disposição e camaradagem, e de forma especial ao Sr. Serafim Brasil, um ser humano fantástico que tivemos o privilégio de conhecer e privar durante os dois dias que permanecemos na ilha do dragão.

